



A Noiva de

Papelão

Flávio P. Oliveira

Flavio P. Oliveira

A Noiva de Papelão

1ª Edição

Delirium Editora

Rio de Janeiro

[2015]

Sumário

1 <i>Casulo</i>	: 9
2 <i>Retalhos</i>	: 13
3 <i>O Caderno</i>	: 135
4 <i>As Três Hipóteses</i>	: 143
5 <i>Acontece</i>	: 149

1 | Casulo

No quarto escuro...

uma borboleta pousa na margarida que seguro, mas não puxo a última pétala do *malmequer* e/ou *bem-me-quer*. Espanto a borboleta... O quarto se enche com asas coloridas em voo, milhares. As cores iluminam a escuridão. Estou enclausurado dentro do meu próprio ser interior, um coração amordaçado.

Doutor, os remédios me esvaziam.

Qual era o pedido da última pétala?

(mal me quer/bem me quer)

Quem diria, que um dia, eu estaria perdidamente apaixonado pela Magnólia – Lia para mim e Ma para as amigas.

Eu bem te quero.

Peguei sua imagem de corpo inteiro fotografada, aquela tirada no Parque do Catete. Eu tirei de você, você de mim. Seu retrato ficou encantador, enquanto o meu... horrível; mas você adorou. Voltando ao tema. Peguei, ampliei, imprimi, colei em um papelão espesso e recortei. Tenho agora você (novamente) de corpo presente, escala natural; levarei aonde eu for.

Não me olhe assim. Eu não tenho bebido, devido aos remédios. Minha irmã me convenceu, visitei o doutor Heriberto Gusmão e tive a primeira consulta. Você não estava... Corre-

ção: você sempre está comigo, minha noiva, seja em papelão ou em meus pensamentos.

Desça da mesa!

Desculpe-me, Lia, o senhor Goiabada sentou-se em cima da mesa. Sujeito malcriado, sem educação, e me perdoem os pais dele.

O médico pediu para eu escrever uma história lá do fundo, devo apresentar algum texto na próxima consulta e levarei você, não ao médico, amanhã, ao parque do Catete, adoro o lugar; contudo, antes visitarei o doutor, tenho consulta, dura uma hora, não gasto um segundo a mais e corro de lá como quem foge de um enxame de abelhas raivosas (ou fugiria de um quarto escuro). Vamos ao parque depois, de metrô mesmo... Não levarei o senhor Goiabada, mesmo ele insistindo, um chato de galochas. Veja, ele veste galochas sujas de lama e um colete à prova de balas.

Não levarei o marmota também não, ele é miúdo, tem um metro e meio de altura, e aquela mania de tirar remela dos (como produzem remelas!) olhos, fábrica remelenta. Eu sei, eu sei, não gosto de ser criticado, não deveria criticar.

As borboletas enchem de cores o escuro.

Doutor, eu só escrevi uma frase...

Não se preocupe. Escreva seguindo o seu ritmo pessoal, não se esforce ou exagere. A pressa é inimiga da cura. Mantenha a calma e coloque no caderno a história morando no seu íntimo... No quarto escuro... Um bom começo.

2 | Retalhos

No quarto escuro, nada vejo, mas escuto...

latidos. O cachorro da velha do seiscentos e três, descobri o nome, estranhíssimo, chama-se Rapunzelo.

Sim, isso mesmo, diferente.

A vizinha daqui do lado veio aqui ontem. Nós nos conhecemos por causa das idas e vindas das vizinhanças nesta cidade moderna de milhões,

Ainda morava eu com a minha mãe – uma promotora de valentia (moldada) adquirida (talvez) por causa dos problemas do filho – e minha irmã. O prédio no centro nervoso da Tijuca, cercado por outros maiores e mais conservados. Os arredores valorizavam o imóvel. Você se mudou em um sábado, segundo me contaria depois.

Nosso primeiro esbarrão no elevador, quando você regressava carregada de bolsas do mercado, caiu uma lata de ervilha de uma sacola e eu me abaixei, cavalheiro, para pegá-la. O seu sorriso demoliu meus sentidos. Há algo peculiar nos sorrisos de gratidão, explicarei mais adiante... Eu adoro sorrisos dominantes.

Obrigada, o seu agradecimento.

Não respondi, deixei escapulir um qualquer sinal e desviei meus rubores. Há algo marcante nos olhares dos gratos. Você desceu no terceiro andar e nem me deu um adeusinho.

Entendo, muitas sacolas do mercado, mãos ocupadas, fiquei meio anestesiado e corri ao meu apartamento. Eu me lembro e ainda sinto o detestável odor de fígado sendo preparado. Acelerei em direção ao quarto... Fácil imaginar os motivos da correria.

O monstro – cinza, amorfo, gelatinoso, gosmento, (dois) olhos gigantescos e uma boca contorcida – no armário abre a porta. Fico quieto; disse-me o médico: Respire fundo, emoções negativas vêm de lembranças reconcondicionadas ou raivas passageiras.

O monstro regressa ao armário, meu peito arde.

O cachorro da vizinha late.

Quero trocá-lo por uma figura animal, penso e recrio mentalmente a forma; escolho um porco-espinho. Observo o focinho surgindo do armário, deu certo, dei sorte. Terei uma coleira em casa?

Você sabe se temos uma coleira em casa?

O monstro de espinhos corre esbarrando em tudo. Já foi elefante, rinoceronte, papagaio, abutre, castor, pastor-alemão, morcego, um tanto mais; hoje, porco-espinho.

Todo dia, uma metamorfose.

Entre no quarto, vi o meu estado. Você e seu sorriso de levada, eu estava rijo, e foram poucos os minutos no elevador... Terceiro andar. Corri à sala minutos depois.

Mãe, alguém se mudou para o terceiro andar?

•

Escuto barulho lá fora e resolvo observar pelo olho mágico. Mudança para o apartamento no final do corredor, novos vizinhos; não sejam, por favor, barulhentos.

Vejo um homem gigantesco e barbudo, uma mulher

gordíssima, pesa quase cento e cinquenta quilos, uma jovem na casa dos dezoito e um menino de uns doze. Uma família de pai, mãe, filhos e uma disparidade: pais enormes e filhos mirrados – a moça é elegante e morena com palidez, o rapazola é raquítico e usa uns óculos de grau chamativos.

São nossos novos vizinhos.

Há quanto tempo esses novos vizinhos chegaram ao prédio?, pergunta o doutor Heriberto Gusmão.

Eles se mudaram em setembro.

O doutor anota algo na caderneta de anotações.

O casal grita o tempo todo, incomodam o senhor Goiabada. Quase soltei o porco-espinho (naquele dia um endiabrado javali) no corredor. Talvez o meu animal afugentasse a dupla de maiores. A jovem tem um lado harmônico e dois gatos siameses – descobrirei depois os nomes de ambos: Caco e Cuco. Adorei.

Caco e Cuco... Ela se chama Manuela.

Logo encontro o chefe da família no corredor, o qual se apresenta: Ernesto Onesto, sem *H*, ao seu dispor. Onesto sem *H*, um ex-lutador de vale-tudo, o nome confundia os adversários... Eu lutava sujo e meu apelido era *gigantonesto*.

Dois dias após a chegada dessa turma, isso aconteceu lá atrás, a jovem se apresentou. Manuela Onesto Carramno, nome estranho, sorriso angelical, e bem prestativa...

Não fique assim com ciúme, muda e emburrada; eu sou fiel. Lia, minha irmã te odeia...

•

Subi as escadas cansado de esperar o elevador e vi um velho – a perna direita amputada na altura do joelho – sentado numa poça de sangue, no patamar entre os andares, cho-

rando.

Ferida de guerra, filho, ferida de guerra.

Vestia um casaco amarrotado e andrajoso, um gorro verde musgo, óculos sem a lente do lado esquerdo, amarelados dentes... e se chamava Senhor Goiabada.

Não pude fazer nada, eles me cortaram.

Eu colecionava pacotinhos de *ketchup* e mamãe reclamava da coleção boba e infantil. Ela queria que o filho adolescente colecionasse automóveis de luxo? Eu havia subido ao apartamento atrás de mercúrio e bandagens; o velho me seguiu, de galochas.

Por que você está espalhando *ketchup* no chão?

Quando um anjo cai do céu, chove torrencialmente.

Amputaram minha perna, querem meus segredos... mas não me calarei! Sou guerreiro, um valente, um lutador.

Lia, a minha irmã (que odeia você) me atazana as ideias e me leva ao médico uma vez a cada semana. Para o trabalho, vou sozinho mesmo. Sou adulto; adultos sozinhos vão aos lugares.

Minha irmã chega depois das dezenove, prepara o jantar, mas não sabe um grande segredo: estou cuspidos no vaso. Eu finjo engolir. Ah, na primeira vez quando tomei este remédio o senhor Goiabada ficou dois dias sem aparecer e senti falta do velho da perna amputada que jamais cresce de volta...

Eu sinto falta dos meus perseguidores (das minhas pessoas), fato mais estranho do que colecionar pacotinhos de *ketchup*, só acho. Além disso, naquele dia do primeiro comprimido, você dormiu fora de casa e morri de ciúme, de raiva também.

A cada novo comprimido, o senhor Goiabada sumia, e não só ele, também o marmota. O monstro surge quando es-

tou mergulhado ou respingado de ódio, e não gosto de ódios – amar é melhor.

Após visita ao médico, uma conversando e horas desacompanhado em sequência. Melhor interromper o tratamento, digo; minha irmã: Nunca! Você precisa disso.

•

Aplausos na televisão me incomodam – sou chato, rabugento e um tanto quanto igual aos demais no quesito chatos, rabugices e excentricidades.

O marmota acompanha os aplausos e me irrita.

Ao teatro, fomos (eu e você) uma vez, sem estes meus perseguidores, assistimos uma comédia. Nunca levaria o senhor Goiabada, mas no cinema ele entra escondido, sem pagar entrada.

Há anos não saio acompanhando desconhecidos.

Minha irmã me leva a alguns eventos, minha mãe, raramente, e não vejo o ex-marido dela desde quando vomitou em cima da minha roupa de formando. Eu me formando na faculdade e ele, bêbado igual a um gambá – virou o monstro um gambá naquele fim de semana –, vomitando na família reunida; deprimente lembrança.

Ninguém aplaudiu.

Aplausos são exageradamente utilizados.

Rapunzelo se finge de morto e a vizinha aplaude. Quero ver convencerem os siameses a se fingirem de mortos. Caco gosta mais de mim... Vejo os dois quase diariamente, porque Manuela (todos os dias) me visita pela manhã, algumas vezes com pedidos, e traz os deveres... Ela tem uns trejeitos, sapeca, sapeca feito uma boneca coberta de sardinhas e malícia.

Perdão, descuido meu.

Sou fiel ou não teria você em escala natural de papelão. O senhor Goiabada riu-se de mim. Não posso ter fidelidade? O velho (da perna amputada na altura do joelho) passou a morar no prédio e me segue, isso é amizade.

Um dia chego em casa com uma bengala, minha mãe quer saber o motivo, explico detalhadamente e ela cai no choro, provavelmente sentida pelo fato do meu amigo não possuir uma das pernas.

Melancolia mata, li a respeito.

•

Eu ficava indignado porque, apesar de guardar os pacotinhos de *ketchup*, a coleção nunca aumentava. Estranhíssimo, acho. Se somarmos um mais um, teremos dois, segundo a madame matemática. Por que a minha coleção diminuía? Qual buraco negro no universo engolia meus pacotinhos?

Você manchou o tapete do banheiro!

Não sei quem foi (fui), brincava de guerra, usando soldados de papel; sou ótimo com origami.

Manchas em casa onde moram crianças são comuns, bem como os sumiços de itens fundamentais a nossa infantil existência; minha mãe vivia perdendo meus brinquedos.

Você deixa tudo largado no chão, eu guardei... no lugar correto.

Eis o ponto primordial em todo relacionamento: o lugar correto. Em qual enciclopédia vem escrito que o lugar correto dos meus guerreiros, samurais e soldados de plástico não é o chão do quarto?

Eles se espalhavam e se camuflavam, e minha mãe atrapalhava a história guardando os bonecos em caixas de sapato, no armário de tralhas...

Meus guerreiros não são tralhas!

Por que são assim nossas mães? Lia, nada escondia; que rima tola... Por falar em rima, você se lembra do nosso começo?

•

Engasguei quando me encontrei uma segunda vez no elevador consigo, apenas retribuí um bom-dia; todavia, bisbilhotei para ver o seu apartamento correto, terceiro andar, trezentos e cinco, trezentos e cinco, trezentos e cinco. Fui repetindo até o quinto, trezentos e cinco, trezentos e cinco... Trezentos e nove. Não me atrapalhe, marmota!

O que farei? Como me aproximar dela?

Põe o lixo para fora!

Quando necessitamos de paz, alguém berra uma despropositada ordem.

Levantei resmungando da cama, cheguei à cozinha. Antes de retirar o saco da lixeira, reparei em papéis amassados, pesquei um, desamassei... um poema no papel amarrotado, jogado provavelmente fora pela minha irmã. Salvei os amassados, as três folhas, passei a mão e removi o resto de feijão grudado em uma, tomate em outra. Guardei no bolso da bermuda e levei o saco até a lixeira. O senhor Goiabada me observava e disse: Versos são criações malignas e inventadas por pessoas anormais, fogem do controle, explodem do nada, buscam abandonar a realidade.

Fomos sentar na escadaria.

Aqueles poemas eram bons.

Eu não sabia do lado poetisa dela. Não vem ao caso, mas sim ao acaso. Poemas, três poemas... Poesia parecia uma saída fácil... Dei de cara no muro de concreto imaginário da

falta de tato e contato com os versos; entretanto, misturei *ketchup*, perna amputada, futuro, samurais e um sentimento crescendo dentro do peito; escrevi um poema.

Deixe fluir os sentimentos e esqueça a rima.

Tentei ouvir o pouco falante espírito interior, esqueci a rima, a métrica, a qualidade... Aberrações de pernas cabeludas e garras afiadas ganham vida em poemas de iniciantes – o senhor Goiabada tinha razão.

Há sempre uma solução para cada problema.

Decidi, devido à abrupta falta de rimas, incluir uma rosa no presente. Um poema e uma rosa deixados (diariamente) na porta do seu apartamento. Achei um bom começo.

No quarto escuro... Um bom começo.

O senhor Goiabada me acompanhou no primeiro dia. Desci as escadas, sorrateiramente me aproximei da porta, estiquei o braço e deposei o poema e a rosa roubada de um vaso da minha irmã. Corremos de volta escada acima, corremos, eu não queria ser descoberto... Esqueci (que energúmeno!) de tocar a campainha, tapa na testa, dou-me um, dou-me dois, desço os andares subidos, ninguém no corredor, são cinco apartamentos por andar. Abaixo o corpo... Marmota arrota, escroto! Eu me abaixo, ajeito o poema e a rosa e toco a campainha duas vezes. Disparo novamente rumo ao quinto, mas resolvo estacionar e observá-la, usando uma fresta na porta de segurança da escada.

Você olha para os lados, não vê ninguém, após uns segundos descobre o poema, uma declaração *démodé* e simples, e uma rosa. Sou antiquado, sou tímido, sou uma sombra.

Uma borboleta bate asas no meu coração.

Veio um sorriso nos seus lábios após a leitura, agora você me procura, quero dizer, tenta localizar pistas do poeta. Se vier em direção à escada, disparo degraus acima.